

O LABIRINTO PERCORRIDO PELA Sr.^a JORGE B. XAVIER NO CONTO “A PROCURA DE UMA DIGNIDADE” DE CLARICE LISPECTOR: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DO IMAGINÁRIO

LABYRINTH MADE BY Ms. JORGE B. XAVIER IN THE TALE “LOOKING FOR A DIGNITY” BY CLARICE LISPECTOR: A STUDY UNDER THE IMAGINARY PERSPECTIVE

Ana Caroline Voltolini¹
Luiza Liene Bressan da Costa²
Marília Koenig³

Resumo: Este estudo tem por objetivo fazer uma análise da narrativa “A procura de uma Dignidade” de Clarice Lispector a partir dos estudos do Imaginário desenvolvidos por Durand e seus seguidores. Também serviram de âncora as concepções bachelardianas e de Jung sobre as imagens que advêm do labirinto. O estudo pretende mostrar que, por meio dessa narrativa, Clarice Lispector expressa conflitos vivenciados pela protagonista do conto, a Sra. Jorge B. Xavier, um ser que vai emergindo de corredores sombrios, de espaços que lembram labirintos em que as tensões do ser/estar no mundo vão se intensificando à medida que a personagem vem à tona de si mesma. As imagens que suscitam no labirinto em que a personagem se perde/se encontra constituem-se em constelações de significados, expressos pelas antíteses do regime diurno da imagem.

Palavras-chave: Imaginário. Regime diurno de imagens. Labirinto. Feminino.

Abstract: This study aims to make an analysis of Clarice Lispector's tale “Seeking Dignity” from the Imaginary studies developed by Durand and his followers. Also anchored were Bachelard's and Jung's conceptions of the images that come from the maze. The study intends to show that, through this narrative, Clarice Lispector expresses conflicts experienced by the protagonist of the tale, Mrs. Jorge B. Xavier, a being that emerges from dark corridors, spaces that resemble labyrinths in which the tensions of being / being in the world intensify as the character comes to the surface of herself. The images that

¹ Mestre em Ciências da Linguagem, Bacharel em Direito e membro do Grupo de Pesquisa Imaginário e Cotidiano. E-mail: anacarolini.voltolini@hotmail.com

² Mestra e doutoranda em Ciências da Linguagem. Docente do Centro Universitário Barriga Verde-Unibave. Pesquisadora.

³ Jornalista, mestra e doutora em Ciências da Linguagem. Docente e pesquisadora.

arouse in the maze in which the character is lost / are constituted in constellations of meanings, expressed by the antitheses of the diurnal regime of the image.

Keywords: Imaginary. Regime of images. Maze. Feminine.

Primeiras Palavras

A coletânea *Onde estivestes de noite*, da qual consta o conto aqui estudado, denominado “A procura uma Dignidade”, é composta de 17 textos trágicos e cômicos. Nesta, Clarice escreve sobre as dores e as aflições do cotidiano banal, reveladas ora por descrições angustiadas e delirantes, ora por detalhes bizarros, risíveis, bem-humorados. Tratam-se de narrativas cruas, despidas de sentimentalismo, mas reveladoras das angustiantes tramas advindas da vivência e da experiência humana. Assim, a narrativa trata de um existencialismo atrelado ao cotidiano do jeito Lispector de ser. A velhice, de forma particular a faixa de 70 anos é apresentada em forma de (re)descoberta de caminhos já percorridos e de anseios não vividos. Além disso, na narrativa a Sr.^a Xavier expressa Solidão, silêncio, vazio. Palavras com sentido semelhante, mas que carregam sentimentos diferentes ao longo das digressões do eu lírico.

Pensar um estudo sobre o labirinto no conto “A procura de uma dignidade” de Clarice Lispector é mergulhar em tramas de palavras que nos enredam cotidianamente. A própria literatura clariciana se expressa por labirintos de significações que expressam os conflitos existenciais da vida humana em todos os tempos e culturas.

Nesse conto, Clarice narra a história da Sr.^a Jorge B. Xavier, moradora do Leblon e que gostava de eventos culturais. Em uma dessas idas a um evento, por engano, entrou no estádio do Maracanã e passou um bom tempo perdida entre os corredores escuros. Até que finalmente se deu conta de que a tal palestra não era ali.

Com muita insistência, encontrou alguém que lhe indicasse a saída daquele inferno. Sua cabeça não prestava para qualquer tipo de localização. Não conseguia lembrar nem do endereço próprio. Era um martírio, pegar o táxi e lembrar apenas dos nomes de ruas de maneira incompletas. A vida de velha estava se fechando sobre ela. O que fazer? Ela era velha demais para experimentar um outro destino? A experiência de se perder/encontrar nos labirintos do

Maracanã (espaço público e concreto) se confundem no espaço interno e abstrato de se encontrar e encerram uma trajetória marcada pelo desconhecimento de si ao se olhar no espelho. O reflexo é de uma procura insana pela mulher que não foi e que gostaria de ter sido. Perdida nos corredores subterrâneos do Maracanã a Sr.^a Xavier se (re) encontra, pois, a figura do corredor remete à figura do túnel que lembra o labirinto, pois, segundo Alberto Filipe Araújo e Joaquim Machado de Araújo, este representa:

Um percurso iniciático como condição de formação de si mesmo: O mitologema do labirinto aparece como o cenário específico da iniciação heroica em que o iniciado, graças à ajuda providencial dispensada pelos deuses, humanos, ou objetos mágicos, consegue paulatinamente vencer ou superar os diversos obstáculos que vai encontrando ao longo do seu percurso de vida: infância – adolescência – idade adulta (ARAÚJO; ARAÚJO, 2009, p. 120).

Desse modo, a personagem, após chegar do Maracanã e vivenciar uma desordem interna, se volta a uma antiga paixão televisiva: a imagem de Roberto Carlos, a imagem idealizada do amor. Desta desordem, a personagem consegue inferir uma ordem interna e reorganizar fatos e atos perdidos nos labirintos da idade. A propósito do filósofo Bachelard, “[...] muitas vezes é essa imensidão interior que dá seu verdadeiro significado a certas expressões referentes ao mundo que vemos” (BACHELARD, 2008, p. 191).

Compreender o processo de imagens que o universo labiríntico narrado no espaço representado pelo Maracanã e também no próprio ser humano, manifesto em seu interior, este é o eterno retorno descrito por Bachelard (2008, p. 217): “Fechado no ser, sempre há de ser necessário sair dele. Apenas saído do ser, sempre há de ser preciso voltar a ele. Assim, no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, retorno, discurso, tudo é rosário de permanências, tudo é refrão de estrofes sem fim.”

Considerações acerca do Labirinto

Quando a palavra labirinto se manifesta em nossas consciências, algumas imagens e pensamentos são suscitados. Porém, parece que eles não fogem de um ponto comum: o labirinto imaginado se apresenta como uma série de linhas e contornos desorganizados. Mas, verdadeiramente, qual o objetivo do labirinto? Ele possui um objetivo? Diferente de linhas retas ou curvas que levam a lugar certo e determinado, o labirinto parece dispor de suas linhas e curvas com o objetivo de justamente desorientar aquele que começa o incursão em seu interior ou que deseja dele sair. Seu centro é cercado de mistérios. O que há no centro dos labirintos? Por que o labirinto possui um centro? Independente da forma geométrica do labirinto, se circular ou quadrada, todo ele possui um centro. De acordo com descobertas arqueológicas, as origens dos labirintos se relacionam a cultos religiosos que inicialmente eram realizados em grutas no período pré-histórico. Na base de algumas pirâmides egípcias, no teatro de Atenas e em Roma, mais precisamente no túmulo de Augusto, foram encontradas figuras labirínticas. Já na Europa, os labirintos eram circulares, quadrados, poligonais ou cruciformes, construídos tanto em pedra, quanto em madeira (HOCKE apud TEIXEIRA, 2009, p. 29). É interessante observar que o vocábulo *maze*, labirinto em inglês, significa também admiração (*stupore*), ou ainda, estupefação diante do incompreensível (HOCKE apud TEIXEIRA, 2009, p. 29).

Freitas (1985, p. 2-3) relata que morfologicamente os labirintos podem se apresentar de quatro maneiras: os labirintos em espiral (também conhecidos como proto-labirintos); labirintos espiralados que contornam um centro em formato de cruz; os labirintos multicursivos, geralmente quadrangular e com um centro no interior; e por fim, os labirintos multicursivos acentrados. Para o autor, no interior do labirinto, as dificuldades do percurso ou do jogo labiríntico se apresentam nos obstáculos durante a trajetória, manifestando-se em portas defendidas, encontros perigosos, provas e enigmas a decifrar.

Sobre a importância do centro, Freitas indica:

Prosseguindo-se na via até ao fim o centro é sempre atingido; prosseguindo-se ainda, percorre-se a espiral em sentido inverso e volta-se à entrada. A importância do centro manifesta-se imediatamente: lugar estático e extático de morte e ressurreição, de confronto final e de prova última, de inversão ou

de conversão. Aí se pode morrer sem apelo, aí se pode dar início a um novo ciclo de crescimento bem simbolizado pela espiral. Para as civilizações agrária esses ciclos são os ciclos da própria vida vegetal e animal ligada à Terra Mãe; o *chamane* é o homem dotado de poderes que resultam de ter sido devorado pelo animal, pelo monstro ou pelo labirinto, de ter morrido e de ter sido restituído à vida literalmente *virado do avesso* (FREITAS, 1985, p. 2-3).

Importante também é relembrarmos o famoso mito de Teseu e Ariadne que nos traz a imagem do labirinto. Conta-se que Minos, rei de Creta, durante o apogeu de seu reinado contratou o artista e artesão Dédalo para conceber e construir um labirinto com objetivo de esconder algo do qual o reino tinha vergonha e medo. Este “algo” era uma criatura que a rainha Pasífae, então esposa de Minos, havia concebido. Era uma criatura monstruosa, fruto do relacionamento de Pasífae com um touro belo, branco como a neve e nascido do mar. O touro em questão havia sido enviado pelo deus Posêidon a pedido de Minos como uma prova/sinal de que seu reinado sobre Creta era um direito divino, pois há muito tempo Minos lutava pelo trono com seus irmãos. Contrariando a promessa de logo sacrificar o animal assim que o Posêidon o enviasse, Minos juntou o referido touro ao seu rebanho, pois pensou ser muito vantajoso comercialmente possuir tal espécime. Da contrariedade à promessa ao deus e fruto do relacionamento de Pasífae com o touro, nasce Minotauro, metade homem e metade touro, que é então aprisionado no labirinto construído por Dédalo.

Para alimentar Minotauro, Minos exigia dos atenienses a entrega de sete meninos e sete meninas a cada nove anos. Para libertar Atenas do tributo, Teseu resolve ir a Creta matar o Minotauro. Ocorre que Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por Teseu e promete auxiliá-lo na batalha com Minotauro desde que caso Teseu vença, leve-a de Creta e case-se com ela. Após o aceite de Teseu, Ariadne procura Dédalo, o construtor do labirinto, o qual lhe entrega um rolo de fio de linho para que Teseu prendesse logo à entrada do labirinto e o desenrolasse à medida que seguisse em seu interior. Teseu consegue vencer o Minotauro e retornar para cumprir sua promessa a Ariadne (CAMPBELL, 2007, p. 23-31).

No mito de Ariadne, o labirinto se apresenta tanto como um local para aprisionar, quanto para libertar: o aprisionamento de Minotauro, resultante da falha tanto de Pasífae, em sua traição a Minos, quanto a falha do próprio Minos, ao quebrar sua promessa a Posêidon. Mostra-se, porém, como propulsor da liberdade inicialmente para Atenas, que com a vitória de Teseu,

encontra-se livre de pagar tributos à Creta, mas também para Ariadne, que encontra na vitória de Teseu a possibilidade de sair de Creta e casar-se com ele.

A ideia de utilização do novelo de linho no percurso interior do labirinto foi de Dédalo, idealizador e criador do labirinto. A linha, o fio, mostra-se como uma verdadeira representação do “biografar” que engendramos em nossas vivências, pois ao iniciar sua peregrinação no interior do labirinto, Teseu grafa seu caminhar através do fio que levava consigo e somente consegue encontrar o caminho de volta através dele, demonstrando que estamos inevitavelmente entrelaçados aos passos que damos durante nossa trajetória vivencial.

Podemos associar o labirinto, então, ao nosso próprio viver, cercado de aventuras e desafios. Nesse contexto, Eliade (1987, p. 21) indica que “[...] o labirinto é a imagem por excelência de uma iniciação... [...] toda existência humana está constituída por uma série de provas iniciáticas; o homem vai se fazendo ao fio de uma série de iniciações conscientes, ou inconscientes.” Diferente de caminhos retos, com destinação certa, as linhas e contornos desorganizados do labirinto podem representar todos os resultados a que estamos destinados a partir de nossas ações, pois a cada curva realizada, a cada direção escolhida, novos desafios podem se apresentar.

O objetivo do próprio labirinto, por sua vez, pode diferir em vários contextos, pode ser encontrar o seu centro, “matar um monstro”, ou mesmo conseguir sair de seu interior, ou todas estas opções simultaneamente. Para Eliade (1992, p. 23) o centro do labirinto é o âmbito do sagrado, da realidade absoluta e o caminho que leva ao centro é um “caminho difícil” (*duro hana*):

A estrada é árdua, repleta de perigos, porque, na verdade, representa um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade. Chegar ao centro equivale a uma consagração, uma iniciação; a existência profana e ilusória de ontem dá lugar a uma nova, a uma vida que é real, duradoura, eficiente (ELIADE, 1992, p. 23).

O incurso no seu interior pode ser tanto voluntário, como no caso de Teseu que se predispôs a matar o Minotauro, quanto pode ocorrer de maneira forçada, através da ação de terceiros, como no caso do encarceramento realizado por Minos daquilo que seu reino temia e

ele sentia vergonha. Para Jung (1964, p. 121), em todas as culturas o labirinto significa uma representação intrincada e confusa da consciência e este universo só pode ser transposto pelo indivíduo que estiver pronto para iniciar uma jornada iniciatória ao misterioso mundo do inconsciente coletivo.

Ainda, para Jung (1964, p. 167) muitas vezes o inconsciente é simbolizado por corredores ou labirintos e Kerényi (1950, p. 11) afirma que para se chegar à verdade mais profunda do labirinto se precisa de um intérprete sábio para que seu “nó” enigmático seja desatado e traduzido, e este intérprete é, portanto, um sábio, um herói, um lutador. Kerényi (1950, p. 23) menciona que o labirinto é um caminho espiritual porque aceita e conduz ao grande desafio inicial de primeiro “morrer”, durante a peregrinação em seu interior, para depois “renascer”, após dele sair, de maneira que para despertar a realidade mitológica do labirinto, é necessário imaginá-lo dentro de nós mesmos.

Nesse mesmo contexto, Freitas (1985, p. 8) menciona que tratar do labirinto equivale também abordar o que a psicologia chama de inconsciente, porém quando se fala em geometria, fala-se em estruturas ordenadas e claras para a consciência, de modo que se tratariam de duas esferas: a do inconsciente (do caos primordial, do informe) e do princípio solar manifesto ou o Logos:

Se o labirinto com efeito, é esse túnel subterrâneo onde nos perdemos, sinónimo e angústia, de confusão, de amnésia que se instala; se equivale, noutra registo, a um naufragar numa área obscura onde os sentidos se dissolvem (donde a relação que une a derrocada de Babel com o Dilúvio, visível por exemplo numa das iluminuras do Livro de Horas de D. Manuel); se como antiquíssimo artifício de defesa de um espaço privilegiado (e central!), cuja violação se quer barrar ao inimigo, ao invasor ou ao transgressor eventual, o labirinto, se apresenta como uma prisão, uma armadilha ou uma ratoeira, como o antro terrível de um monstro prestes a devorar a vítima, poderemos adiantar, por tudo isso, tratar-se de uma verdadeira máquina de produzir desordem e de um acelerador de incoerência. Por outro lado, se contemplarmos na geometria, mesmo qualificada de simbólica ou de sagrada, uma disciplina rigorosa cuja essência mesma é a instauração da ordem e da coerência, legítimo parece concluir-se que na expressão geometrias labirínticas habita uma contradição fundamental (FREITAS, 1985, p. 8).

Sobre a jornada iniciatória e a chegada ao centro do labirinto, Eliade (1987, p. 128) indica que “uma vez que se chega ao centro, adquire-se uma riqueza, dilata-se a consciência e ela se faz mais profunda, tudo se torna claro e significativo. Mas a vida continua: outro labirinto, outros encontros, outros tipos de provas, em um nível distinto.” Há, por assim dizer, certa semelhança entre a representação do labirinto e nossas vidas, sobretudo no que se refere às provas encontradas durante nossa jornada vivencial, o esforço para encontrarmos nosso centro, nosso eu verdadeiro, que por vezes pode se apresentar como um ser aprisionado, mas que precisa ser encontrado e enfrentado para que consigamos continuar nossas jornadas. Sobre o contexto iniciatório que paira sobre o labirinto, afirma Eliade:

Além do semantismo de iniciação que cerca o labirinto, este também é visto como símbolo de mistério, de segredo, pois nas palavras de Araújo (2014, p. 104-105), o labirinto é uma “espécie de isca do desconhecido, suscita a curiosidade, a impaciência daquele que no reservado quer penetrar seja para mudar o mundo, seja para se transformar, seja apenas para satisfazer uma simples ou mesmo uma mórbida e pesada curiosidade.” Para Araújo (2014, p. 110) “segredo do labirinto ou labirinto do segredo é um jogo de entrada e de saídas em que a imaginação do escondido, do não-revelado, do secreto, do velado ecoa no imaginário coletivo e trans-histórico do homem de todos os tempos”.

Nesse cenário, podemos verificar que a produção de labirintos, nas mais diversas manifestações humanas (arquitetura, literatura, mitos, entre outros) perpassa o campo do imaginário, que para Durand (2002, p. 18) é o conjunto de imagens e relações entre elas que constitui o capital pensado do *homo sapiens*. Para o autor, o imaginário, “[...] aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano (DURAND, 2002, p. 18).

Isso porque Durand (2002) predicou a existência de determinados padrões isomórficos nas produções simbólicas que repousam no psiquismo do *homo sapiens* e que engendram todo o tipo de manifestação humana. Citando Bachelard, Durand (2002, p. 30) afirma: “a imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação”, e muito longe de ser faculdade de “formar” imagens,

A imaginação é potência dinâmica que “deforma” as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção, e esse dinamismo reformador das sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica porque “as leis da representação são homogêneas”, a representação sendo metafórica a todos os seus níveis, e, uma vez que tudo é metafórico, “ao nível da representação todas as metáforas se equivalem” (DURAND, 2002, p. 30).

Estreitando a imagem labiríntica à teoria do imaginário (DURAND, 2002), Araújo (2014, p. 112) afirma que há um isomorfismo entre o labirinto e o segredo, de maneira que o labirinto se enquadraria no imaginário do enrugado, pois possui homologia com as pregas, circunvalações, dobras e com as sinuosidades que moldam o labirinto. Da mesma maneira que o labirinto causa embaraço, assim o segredo também o faz, pois ele angustia, perturba, desperta emoções de desorientação àquele que o confia (ARAÚJO, 2014, p. 112-113). Ainda sobre o imaginário do labirinto, Araújo afirma:

Como lugar misterioso, secreto, enigmático, um labirinto suscita logo sentimentos ambivalentes, como os de pavor/fascínio, de receio/curiosidade, de desejo/não desejo, de dever da transparência/direito à reserva. O labirinto, pela sua forma plástica, pela sua natureza enrugada, curvilínea, tortuosa, viscosa, presta-se bem a assumir os contornos míticos e simbólicos do imaginário do segredo e dos paradoxos que o mesmo encerra: o mistério da ordem do evanescente, o enigma da ordem do desafio e o segredo da ordem do enrugado e do dobrado (ARAÚJO, 2014, p. 114).

Nesse contexto, podemos observar que as imagens labirínticas convergem para um mesmo ponto: suscitam semantismo de jornada, de provas iniciáticas, de aprendizado, de enigma, mistério, uma caminhada em direção ao centro e o encontro dele. Estas concepções não subsistem aleatoriamente, mas fazem parte do emaranhado de simbolizações que emanam do imaginário, então concebido como um reservatório de imagens e todas as demais produções humanas (DURAND, 2002).

Prazer, Sr.^a Xavier: algumas reflexões a partir do Imaginário

Narrada em terceira pessoa, o conto “A procura de uma dignidade” constrói-se num enredo em que predominam elementos do meio urbano como o estádio do Maracanã, os táxis,

praças e ruas, etc. Nesse cenário, composto por elementos burgueses e capitalistas de uma sociedade de classe média que frequenta bairros ricos do Rio de Janeiro, como o Leblon e ainda usam táxis e não ônibus para andar na cidade, as ações das personagens, em especial da protagonista, se constituem no diálogo do externo com o interno. Este externo impulsiona o movimento interno da Sr.^a Jorge B. Xavier que convida o leitor a conhecer os espaços labirínticos de seus setenta anos, suas percepções, seu amor por Roberto Carlos. Na verdade, uma entrada “por escombros”, passando pelos restos de uma construção, não guarda o mais recôndito sinal de dignidade. Há, para tanto, uma sugestão de uma mulher idosa se esgueirando por buracos para entrar em cena. O Maracanã é lugar dos grandes espetáculos, das entradas triunfais.

Ao percorrer o caminho por escombros e entulhos criam-se as imagens de labirintos, do ser e do não ser, como nos diz Bachelard (2008, p.218) “O ser do homem é um ser desfixado. Toda expressão o desfixa. No reino da imaginação, mal uma expressão foi enunciada o ser já tem necessidade de outra expressão, o ser deve ser o ser de outra expressão”. E, dessa maneira, a Sr.^a Xavier se vê em múltiplas imagens que vão desvelando-a em expressões de um ser que não se vê. Talvez se escute, mas não se desenha.

Bachelard (2008, p. 218) nos auxilia mais uma vez ao afirmar que

[...] se o que queremos determinar é o ser do homem, nunca estamos certos de estar mais perto de nós ao recolhermo-nos em nós mesmos, ao caminharmos para o centro da espiral; frequentemente é no âmago do ser que o ser é errante. Por vezes, é estando fora de si que o ser experimenta consistências. Por vezes, também, ele está, poderíamos dizer, encerrado no exterior.

A dialética do ser do homem move a personagem central da narrativa para uma infinitude de imagens que se permutam entre o interior e o exterior. Ao se perder, a Sr.^a Xavier se reencontra, o que parece ser exterior é, na verdade, interior.

E a via *crucis* da Sra. Xavier se traduz assim na narrativa:

E quando Sra. Jorge B. Xavier viu, percebeu que estava muito, muito dentro. Andava interminavelmente pelos subterrâneos do Estádio do Maracanã ou pelo menos pareceram lhe cavernas estreitas que davam para salas fechadas e

quando se abriam as salas só havia uma janela dando para o estádio. (...) Então a senhora seguiu por um corredor sombrio. Este a levou igualmente a outro mais sombrio. Pareceu-lhe que o teto dos subterrâneos eram baixos. E aí este corredor a levou a outro que a levou por sua vez a outro. Dobrou o corredor deserto. E aí caiu em outra esquina. Que a levou a outro corredor que desembocou em outra esquina. Então continuou automaticamente a entrar pelos corredores que sempre davam para outros corredores. (...) (LISPECTOR, 1999, p. 9)

Os subterrâneos do Maracanã, percorridos pela personagem, têm caráter ambíguo: são subterrâneos concretos e, ao mesmo tempo, (des)velam os caminhos obscuros do inconsciente. Isso atesta a incompletude que abre o espaço para o simbólico. Essa incompletude é reforçada quando a autora descreve exaustivamente o labirinto formado pelos corredores sombrios ligados por esquinas, por onde a personagem caminha sem encontrar saída. A incompletude é a condição da linguagem, pois nem sujeitos nem sentidos estão completos. Eles estão sempre em movimento, e é essa movimentação que leva a linguagem literária aos limites moventes entre a paráfrase e a polissemia.

Na complexidade dos corredores sombrios, a caminhada é subitamente interrompida por “um homem surgido do nada”. Então “perguntou-lhe sobre a conferência que o homem disse ignorar. Mas esse homem pediu informações a um segundo homem que também surgira repentinamente ao dobramento do corredor” (LISPECTOR, 1999, p. 9).

Ela se encaminha, mesmo inconsciente, ao interior de um espaço predominantemente masculino: um estádio de futebol. E, lá, mais uma vez, constata sua dependência e sua fragilidade diante do sexo oposto. São figuras masculinas que lhe prestam socorro e que “surgem” como anjos salvadores. Projeta-se a imagem de uma mulher incapaz de resolver seus conflitos, o que reafirma a sua posição de sujeição ao domínio masculino.

Na narrativa de “A procura de uma dignidade”, a personagem busca livrar-se das máscaras e adquirir a verdadeira identidade. Essa identidade revela-se para a personagem, projeta no mesmo polo, a característica, intrínseca a figura feminina do conto, de ser esfacelado – com identidade mutilada – que procura unir-se a outra metade (Roberto Carlos) e, de algum modo, recuperar o ideal platônico. Contudo, essa perfeição não se traduz como um desejo de alteridade mas uma espécie de metamorfose para alcançar a imagem ideal de si mesma, não

uma outra maneira de ser ver. A Sra. Xavier é uma personagem também violentada e o preço que ela paga é uma busca sem fim pela resposta sobre como vencer o seu esfacelamento. Para ela, o labirinto é o mundo. E esse mundo só pode ser compreendido pela síntese do instinto e do intelecto. Como o mundo, ficamos presos em sua gravidade, ensimesmados em nossas subjetividades, articulados para esquecer o labirinto, entendê-lo ou escapar dele.

Essas relações sugerem as imagens noturnas do labirinto com os ritos iniciáticos de renascimento e a imagem do útero e da deglutição intestinal do ego para renascer, como outra pessoa, na sua saída. O labirinto noturno é uma eufemização do tubo digestivo diurno, é descida confortável que digere e absorve no suave calor corporal. Sob a imaginação diurna, entretanto, é representação do inferno, ao qual só se chega pela queda brusca e fatal. Interpretada sob a concepção noturna, o labirinto é serpente, “complemento vivo do labirinto” (DURAND, 2002, p. 320).

Será que a Sra. Xavier sabe como entrou nos escombros do Maracanã, da vida, das relações que estabeleceu em seus setenta anos? A porta estreita (simbólica) é uma passagem para a vida que gostaria de ter vivido, mas a amedronta, fragiliza. É o desconhecido que se apresenta, é a “falsa” segurança emprestada pelo fato de ser a Sra. Jorge B. Xavier. A porta é a simbologia da passagem da vida para a morte para a vida. É o mirar-se. E ela cruza a porta, mas os caminhos se desdobram em esquinas, em entulhos, em círculos. É um espetáculo sombrio, a luz é o Maracanã. A Sra. Xavier lembra um andarilho, pois como este “andava interminavelmente pelos subterrâneos do Estádio do Maracanã ou pelo menos pareceram-lhe cavernas estreitas” (LISPECTOR, 1999, p. 9) e em suas andanças, um modo de se fazer uma caminhada interior e de reconhecer seu lugar no tempo e no mundo (NOGUEIRA, 2011).

E a Sra. Xavier clariciana, essa mulher idosa que ao se perder nos labirintos do Maracanã, encontra-se no espelho e, pela primeira vez se vê, como mulher, como nos explicita Sá (2004. p. 179):

As “velhas” da ficção clariciana são o remate de uma existência feminina consagrada ao casamento, ao destino de terem filhos e de envelhecerem sozinhas. Sem perderem a acuidade para colherem a própria ridícula sobrevivência mesmo quando cercadas pela falsa solicitude dos moços,

Por isso, a narrativa se encerra com o grito de desespero da protagonista: “ (...) tem! que! haver! uma! porta! De saíída!” (LISPECTOR, 1999, p. 9). E a procura de uma se encerra num labirinto interior, evocado na imagem de um si mesmo, expresso no semantismo de uma porta de saída, o que mais uma vez retoma a imagem labiríntica, lembrando a definição de Peyronie (in BRUNEL, 1997, p. 555) que afirma:

Que existem dois tipos de labirinto: os labirintos que seguem um único caminho (não conhecemos representações pictóricas de outros até meados do século XVI) e os labirintos que se estendem em múltiplas direções (encruzilhadas, possibilidades de escolha, de erros etc.). Note-se que, se o labirinto parece pertencer ao domínio do espaço e envolver uma relação problemática com este, pode-se igualmente pretender que ele tem a ver com o tempo (o eterno retorno constituindo, nesse caso, uma figura limite).

A dignidade de ser e se sentir mulher estava recuperada. O espelho refletiu essa mulher que fora silenciada por anos. Conscientizou-se de sua decadência física e da diluição que o vazio existencial a deixou. "Era ninguém", estava esturricada, seca. Assim, descreve Clarice, a Sr.^a Jorge B. Xavier bruscamente dobrou-se sobre a pia como se fosse vomitar as vísceras e interrompeu sua vida com uma mudez estraçalhante.

Palavras finais

A simbologia expressa pela imagem do labirinto estende-se a outros espaços intrincados, com cruzamentos de caminhos iguais, sem saída e sem rota que leve a um centro. A narrativa “A procura de uma dignidade” de Clarice Lispector constrói um labirinto que se associa à trajetória da vida da Sr.^a Jorge B. Xavier, que é um percurso cansativo sem a perspectiva de uma solução heroica, sem a luz necessária para vencer as trevas impostas por uma vida insípida. A imagem do labirinto está vinculada à errância, aos descaminhos, a um ritual iniciático em busca de si mesmo. Assim como os escritos de Clarice Lispector, o labirinto se constitui como um dos mais intrigantes símbolos do imaginário humano. A presença da imagem do labirinto é recorrente na literatura e, ainda mais, presente quando se trata da escrita clariciana.

Os labirintos percorridos pela personagem são fios de regras e códigos sociais que regeram sua trajetória em uma exposição imagética das amarras (in) visíveis com as quais as mulheres amarram a si mesmas: os códigos morais a que obedecem, as programações que seguem, os protótipos de beleza que seguem, a imagem social que sustentam e que separam os indivíduos de seu gênero humano; que permitem haver diferenciações de valor ilusórias entre seres da mesma espécie.

Nesse sentido, se o labirinto é a imagem de toda a interioridade humana, tanto em sua subjetividade quanto em sua fisiologia, a narrativa de Lispector também é um labirinto, pois expressa todo o sentido do labirinto que a interioridade denota. Esse interior não é imutável, mas se pode afirmar que este ainda pode ser assim visualizado.

Referências

- BARTHES, R. **Mythologies**. Paris: Editions du Seuil, 1957. [trad. port. e pref. José Augusto Seabra, **Mitologias**, Lisboa, Edições 70, col. «Signos», 1978].
- BOIA, L. **Quand les centenaires seront jeunes**. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- BURKERT, W. **Mito e Mitologias**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- CARLIER, C. & GRITON-ROTTERDAM, N. **Des mythes aux mythologies**. Paris: Marketing, 1994.
- DURAND, G. **Les Structures anthropologiques de l'imaginaire: introduction à l'archétypologie générale**. Paris: Dunod, 1992.
- ELIADE, M. **Briser le toit de la maison: la créativité et ses symboles**. Paris: Gallimard, 1986.
- ELIADE, M. **Mythes, rêves et mystères**. Paris: Gallimard, 1957.
- ELIADE, M. **Traité d'Histoire des religions** [pref. Georges Dumézil]. Tomo I. Paris: Payot, 1949.
- FREUD, S. **Totem et tabou**. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1986.
- JUNG, C. G. & KERÉNYI, C. **Introduction à l'essence de la mythologie**. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Anthropologie structurale**. Tomo II. Paris: Plon, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Mythologiques : le cru et le cuit**. Tomo I. Paris: Plon, 1964.

A. C. Voltolini; L. L. B. Costa; M. Koenig

O labirinto percorrido pela sr.^a Jorge b. Xavier no conto “A procura de uma dignidade” de Clarice Lispector: um estudo sob a perspectiva do imaginário

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2000.

PEREIRA, M. H. R. **Estudos de História da cultura clássica – cultura grega**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

GALLEGO. C.P. **Polémica Lévi-Strauss & Vladimir Propp**. Madrid: Fundamentos, 1982.

PROPP, V. **Morphologie du conte**. Paris: Seuil, 1965.

Artigo recebido em: 29.03.2019

Artigo aceito para publicar em: 31.05.2019